

INSTITUTO TRAVESSIAS DA INFÂNCIA

Centro de Estudos Lydia Coriat/SP

UniFCV (Centro Universitário Cidade Verde)

Mãe não é robô, bebê não é planilha: a destituição do saber materno pela virtualização

Patrícia Leekninh Paione Grinfeld

Orientação temática: Julieta Jerusalinsky e Maribél de Salles de Melo

Orientação metodológica: Marciela Henckel

São Paulo, 2022.

INSTITUTO TRAVESSIAS DA INFÂNCIA

Centro de Estudos Lydia Coriat/SP

UniFCV (Centro Universitário Cidade Verde)

Mãe não é robô, bebê não é planilha: a destituição do saber materno pela virtualização

Patrícia Leeknih Paione Grinfeld

Orientação temática: Julieta Jerusalinsky e Maribél de Salles de Melo

Orientação metodológica: Marciela Henckel

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para a obtenção do título de especialista em “Estimulação Precoce: clínica transdisciplinar do bebê”.

São Paulo, 2022.

Mãe não é robô, bebê não é planilha: a destituição do saber materno pela virtualização

Resumo: Toda época apresenta um mal-estar inerente à cultura. Na atualidade, a virtualização é um deles. Não limitada ao uso de telas, a virtualização inclui uma lógica que afeta o laço social. Essa lógica pode ser compreendida a partir do excesso de positividade, que define a sociedade do desempenho: pode-se *tudo*, e sem pausa. É a sociedade da totalidade e do ininterrupto, mas também do ilimitado, da previsibilidade e da eficiência, na qual a informação retira da cena a narrativa, assolando o saber de tal modo que quem passa a “saber” sobre um bebê não são mais seus cuidadores primordiais, agentes das funções parentais, mas os produtores e portadores de conteúdo. Com base nesse cenário, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a destituição do saber materno pela virtualização e algumas consequências para a sustentação da função materna e o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, função materna, saber materno, tecnicismo, virtualização.

Eu quero saber tudo imediatamente. Quero conhecer o conteúdo sem vivenciar o lapso de tempo.

Raquel Cusk

Introdução

Se alguém pudesse nos olhar do alto, veria que o mundo está repleto de pessoas que andam apressadas, suadas e exaustas, e também veria suas almas, atrasadas e perdidas no caminho por não conseguirem acompanhar seus donos. As almas perdem a cabeça e as pessoas deixam de ter coração. As almas sabem que ficaram sem seus donos, mas as pessoas, muitas vezes, nem sequer percebem que perderam a própria alma.

Olga Tokarczuk

Esse é um retrato dos nossos dias. Como destacado por Freud ([1929-30]1987), toda época apresenta um mal-estar inerente à cultura, a “todas as atividades e recursos úteis aos homens” (p.96). Na atualidade, a virtualização é um desses recursos. Difícil imaginar o que seria de nós se não dispuséssemos das tecnologias digitais durante a pandemia de Covid. As telas nos salvaram de muitas formas de isolamento, mas também nos aprisionaram a elas. Do *Zoom fatigue*¹ ao burnout², passando por atrasos no desenvolvimento infantil³, o uso descomedido das telas escancarou, pela via do sofrimento psíquico, o revés da virtualização.

Não limitada ao uso de telas, a virtualização inclui uma lógica que afeta os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade, o exercício da inteligência, as modalidades do estar junto (LÉVY, [1995]2011, p.11) e, portanto, o laço social, a relação entre os seres humanos sustentada pela linguagem.

Essa lógica pode ser compreendida a partir do excesso de positividade, que define a sociedade do desempenho e, conseqüentemente, a sociedade do cansaço (HAN, [2010]2017). Caracterizada pela ausência de barreiras que afastam a presença do estranho, anulando a alteridade, a positividade se opõe à negatividade da sociedade disciplinar de Foucault, a qual nega o outro com muros, fronteiras, delimitação dos espaços doméstico e de trabalho etc.,

¹ LOPES, André. Zoom fatigue: o esgotamento provocado pelo excesso de videoconferências. Revista Veja, Editora Abril, 15/05/2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/zoom-fatigue-o-esgotamento-provocado-pelo-excesso-de-videoconferencias>. Acesso em 09/02/2022.

² Em janeiro de 2022 o burnout (esgotamento profissional), foi incluído na nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11) como síndrome ocupacional, conforme a reportagem de CAVALLINI, Marta. Síndrome de burnout é reconhecida como doença ocupacional; veja o que muda para o trabalhador. Portal G1, 11/01/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2022/01/11/sindrome-de-burnout-e-reconhecida-como-doenca-ocupacional-veja-o-que-muda-para-o-trabalhador.ghtml>. Acesso em 14/03/2022.

³ Por exemplo, atraso na aquisição da linguagem em decorrência da redução/ausência de pares, da falta de convocação da criança à posição de fala ou das *intoxicações eletrônicas* (tema abordado por JERUSALINSKY, J. [2014]2017 desde antes da pandemia).

distinguindo com clareza o dentro e o fora, o público e o privado, o permitido e o proibido, o ligado e o desligado, e assim por diante. Na sociedade do desempenho pode-se *tudo*, e sem pausa. É a sociedade da totalidade e do ininterrupto, e também do ilimitado, da previsibilidade e da eficiência⁴: “o homem como um todo se transforma numa *máquina de desempenho*”⁵, que pode funcionar livre de perturbação e maximizar seu desempenho” (HAN, [2010]2017, p.70). O resultado: esgotamento e cansaço excessivos, solidão e consumismo⁶. É a sociedade da Polegarzinha.

Serres ([2012]2013) resgata a história da canonização do bispo Denis⁷ em alusão à Polegarzinha, não aquela do conto de fadas⁸, mas a jovem que digita com os polegares e, como o santificado, carrega nas mãos sua “cabeça” – o celular ou dispositivo similar. Contudo, há uma diferença significativa entre essas *cabeças*. Enquanto a cabeça de Santo Denis guarda um saber, a “cabeça” da Polegarzinha acessa, pelo toque na tela (ou pelo comando de voz), uma *informação-toda* – completa, inquestionável. A satisfação irrestrita dessa *informação-toda* “apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo” (FREUD, [1929-30]1987, p.85): *a perda da própria alma*.

Na lógica da virtualização, uma *alma sem cabeça* é como uma *alma sem dono*. Quem pensa? Quem experiencia? Quem inventa? Quem sabe?

Com nossas *cabeças* nas mãos, todos nós “sabemos”. “Não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação⁹, mas sim remetentes e produtores. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos” (HAN, [2013]2018, p. 36). Através das redes sociais, *podcasts*, *e-books* e outros recursos digitais, produzimos conteúdos, não narrativas. Na narrativa, “o

⁴ A campanha publicitária “Unibanco 30 horas” (6 horas na agência e 24 horas por telefone), nos parece um ícone dos tempos iniciais dessa sociedade. A campanha foi lançada em 1991, de acordo com o blog Mundo das Marcas. Disponível em: <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2007/08/unibanco-nem-parece-banco.html>. Acesso em 14/03/2022.

⁵ Grifo do autor.

⁶ Incluímos a patologização e a medicalização.

⁷ Eleito bispo pelos primeiros cristãos de Paris, Denis foi canonizado depois de ter sua cabeça decapitada por soldados do exército romano. Sem a cabeça, provocou horror ao pegá-la do chão e, com ela em suas mãos, subir a ladeira da colina hoje conhecida como Montmartre.

⁸ O escritor dinamarquês Hans Christian Andersen escreveu o conto *A Polegarzinha*.

⁹ Como na entrada dos especialistas no final dos anos 1960, quando, diante da família em risco devido ao aumento do número de divórcios, à alta da procriação fora do casamento e à baixa fecundidade, os especialistas passaram a controlar a vida privada, “decretando regras próprias para distinguir as boas maneiras de viver sua sexualidade como casal ou aconselhando os pais sobre a melhor maneira de educar o desejo infantil, com ajuda de uma multiplicidade de referências a tal complexo ou a tal frustração” (ROUDINESCO, [2002]2003, p.156).

narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, [1936]1987, p.201). Marcada por trocas, a narrativa evita explicação e tem certa permanência, em contraposição à informação (conteúdo), que além de se deter à explicação, “só tem valor no momento que é nova” (BENJAMIN, [1936]1987, p.204), já que sua temporalidade “é muito curta e de curto prazo” (HAN, [2013]2018, p. 75). Enquanto o conteúdo informa e explica, a narrativa transmite saber.

Com o afinamento da arte de narrar (BENJAMIN, [1936]1987, p. 200-201), “as coisas perdem cada vez mais em significado” (HAN, [2013]2018, p. 98). A informação assola o saber de tal modo que quem passa a “saber” sobre um bebê não são mais seus cuidadores primordiais, agentes das funções parentais, mas os produtores e portadores de conteúdo – *Google, Siri, Alexa, youtubers, influencers*, aplicativos, especialistas, entre outros¹⁰. Além de mitigar a complexidade das relações, tentar ensinar ou aconselhar a mãe¹¹ a cuidar de seu bebê é, conforme já alertava Winnicott ([1987]2012) na década de 1960, pisar em solo perigoso: “nem a mãe, nem o bebê, precisam de conselhos. Em vez de conselhos eles precisam de recursos ambientais que estimulem a confiança da mãe em si própria” (p.22). Em outras palavras, precisam que a mãe seja apoiada no exercício da função materna para que os cuidados que ela “dirige ao bebê estejam permeados por uma série de operações psíquicas que implicam sua economia de gozo e sua transmissão inconsciente de um saber” (JERUSALINSKY, J. [2011]2014, p.14), de modo a não ocorrer um apagamento subjetivo, nem nela, nem no bebê.

Com base nesse cenário, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a destituição do saber materno pela virtualização e algumas consequências para a sustentação da função materna e o desenvolvimento infantil.

¹⁰ “*Siri* é um assistente virtual comandado por voz, de propriedade da *Apple*, disponível nos celulares *iPhone 4S* e superiores. Comumente nos referimos ao aplicativo fazendo uso do artigo no feminino, pois é como se falássemos com ‘a mulher’ (voz feminina) do lado de lá da tela, a *Siri*. Ao fazermos esta transposição de gênero do artigo, criamos em nosso imaginário a ideia de presença humana” (BICUDO e GRINFELD, 2018, p.5-6). O mesmo vale para o “doutor” *Google* (o maior “especialista” de todos os tempos) e a *Alexa*, a assistente virtual da Amazon, “capaz de conversar, reproduzir música, fazer listas, definir alarmes, transmitir conteúdos, fornecer informações em tempo real, fazer pesquisas na internet e muito mais”, de acordo com “ninguém” menos do que a *Lu do Magalu* (influenciadora digital virtual da rede de lojas Magazine Luiza) – Quem é a *Alexa*? Conheça a história da assistente virtual. Canaltech, 14/06/2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/casa-conectada/quem-e-alexa-conheca-a-historia-da-assistente-virtual/>. Acesso em 17/02/2022.

¹¹ Neste texto, mãe equivale ao Outro primordial, agente da função materna, assim como o saber materno corresponde ao saber do Outro primordial.

Na *rede*¹² sem rede ou sem rede na *rede*?

Na medida em que a Polegarzinha tem *tudo* na palma da mão, sua rede de apoio se torna “dispensável”. Se ela é um agente da função materna, para quê, por exemplo, trocar com alguém sobre o banho do bebê se a *rede* apresenta, nos mais diferentes formatos, uma gama de informações sobre o tema. Basta ter curiosidade ou dúvida para “saber” prontamente como, quando e quanto fazer. Ao mesmo tempo, a Polegarzinha busca a *rede* (incluindo os especialistas) porque sua rede de apoio familiar e social está cada vez menor (vivemos numa sociedade individualista, com falta de acesso a serviços, com redução do tamanho e espalhamento geográfico das famílias, entre outros). Um reflexo dessa conjuntura é a frequência aumentada de mães e pais à espera do bebê que optam por não terem ajuda na chegada do filho, ou que não podem contar com essa ajuda, mesmo querendo ou entendendo que ela é necessária.

Seja pela onipotência, característica da positividade (podemos *tudo*), seja pela escassez da rede de suporte e seus interlocutores (favorecem a construção de narrativas), mães e pais têm estado muito sozinhos, angustiados e sobrecarregados¹³ nos cuidados com o bebê. Puerpério cada vez mais longo, índices elevados de depressão pós-parto – 25% das brasileiras (THEME et al, 2016) e 10% dos homens, com taxa elevando para 50% quando a companheira também sofre do transtorno (PAULSON e BAZEMORE, 2010) – ou discursos em torno do *ter que dar conta de tudo* são, ao nosso ver, alguns efeitos dessa soma de fatores.

Do ponto de vista psíquico, o apoio ao Outro primordial nos cuidados com o bebê é fundamental para suportar o saber parental e transmitir o saber transgeracional e cultural, de forma a favorecer aos agentes das funções parentais o exercício da parentalidade.

Ao não poder contar e, até mesmo, ao deixar de considerar importante a transmissão geracional, os valores, tradição e cultura que permeiam e sustentam o tecido simbólico de uma família, os pais (quando conseguimos usar esse termo no plural, o que não é o que ocorre em muitos casos) deixam de contar com significantes fundamentais para a construção da função materna e paterna, bem como de laços que lhes permitam desdobrar

¹² Em itálico para fazer referência às redes sociais e demais meios virtuais, em distinção às redes de suporte propriamente ditas.

¹³ O tema da sobrecarga materna ganhou luz na pandemia, destacando o quanto a responsabilidade pelas tarefas de cuidados e domésticas são culturalmente atribuídas às mulheres. No entanto, não podemos desconsiderar o quanto essa sobrecarga também reflete a lógica da virtualização.

um saber-fazer dos cuidados do bebê apoiados em experiências compartilhadas com avós, tias, comadres. (MELO et al, 2020, p.227).

A presença desse suporte permite que os desencontros com o bebê não sejam demasiadamente angustiantes, nem gerem ou intensifiquem o sofrimento psíquico do Outro primordial e do bebê, com os riscos disso para sua estruturação psíquica.

Retomemos o banho do bebê. Incontáveis são as mães e os pais que nunca deram banho em um bebê e por isso temem esse momento. Na tentativa de garantir o saber-fazer com o bebê, muitos se antecipam buscando informações sobre o assunto em livros, cursos, tutoriais e afins. Outros, não se preocupam com o assunto, mas por serem “invadidos” por informações, se angustiam, como ocorreu com uma mãe depois de ter sido “ensinada” a dar banho em seu primogênito no hospital-maternidade. Ao invés da mãe ser convidada a dar o banho, tendo apoio da técnica de enfermagem caso fosse necessário, ela foi colocada numa posição passiva de aprendiz de um banho extremamente tecnicista: após despir o bebê, uma fralda de pano foi enrolada no corpo e outra na cabeça do bebê. Com ele posicionado poucos palmos acima da água da banheira, a fralda do corpo foi desenrolada, o bebê lavado e recoberto pela fralda, seguindo o mesmo procedimento com a cabeça (que, segundo a técnica¹⁴, deve ser a última parte a ser lavada para o bebê sentir menos frio). Durante o banho, nenhuma palavra foi dirigida ao bebê, e à mãe, apenas palavras para descrever o procedimento¹⁵. Sem o reconhecimento e a validação de um saber materno sobre o banho (a mãe foi banhada, toma banho, tem noção de quente e frio etc., experiências que ficam registradas em nível consciente e inconsciente), em casa ela se desnortou ao se deparar com a necessidade de dar banho no filho. Sentindo-se incapaz de fazer o que lhe fora “ensinado”, telefonou para algumas pessoas da família na tentativa de que alguém pudesse ir até sua casa ajuda-la (afinal, não tinha aquela técnica toda¹⁶, ainda bem!). Um dos familiares, depois de escutar seu choro aflito, lhe disse: *Banho se dá de qualquer jeito*, em referência a não haver uma única maneira. *De qualquer*, para essa mãe, significou *do seu*. A partir do reconhecimento de que havia um saber materno (*seu jeito*), a mãe

¹⁴ A polissemia da palavra dá a dimensão do quanto o profissional se despersonaliza ao transformar técnica em tecnicismo.

¹⁵ Consideramos fundamental que os profissionais que lidam com o bebê o reconheçam como sujeito e o tomem como tal, inclusive para servir de referência ou autorizar os pais a fazerem o mesmo com seu bebê. Podemos imaginar quão angustiante é para um bebê não ser tomado como sujeito a partir do que experimentamos nos atendimentos virtuais em que um robô nos pergunta o que queremos, mas não compreende nossa solicitação.

¹⁶ Toda, no sentido do domínio da técnica, mas sobretudo no sentido de ser uma *técnica-toda*, tecnicista e totalizante: o único jeito de dar banho em um bebê.

pode dar banho no filho e instaurar nessa relação de cuidado com o bebê “um funcionamento corporal subjetivado” (JERUSALISNKY, J. [2001]2014, p.15) e não um cuidado tecnicista¹⁷.

O que teria acontecido se esta mãe tivesse usado seus polegares ou o comando de voz para buscar na *rede* “banho no bebê”? De saída, a função de autocompletar do buscador teria feito por ela uma pergunta “ao fechar a frase iniciada pela introdução dos termos mais procurados”¹⁸ (JERUSALINSKY, J. 2017, p.27). Ao selecionar qualquer frase da busca, teriam aparecido informações que ela nem sequer tinha imaginado (tal como ocorreu com as informações do banho técnico) ou que não eram de seu interesse – temperatura da água, número de banhos por dia, tipo de sabonete, melhor horário para o banho, para citar algumas possibilidades. Além disso, e o principal, ela não teria encontrado a resposta que buscava pois ainda não havia formulado *sua* pergunta: *Como dar banho no meu*¹⁹ *bebê?*

É por meio da pequena narrativa do *banho se dá de qualquer jeito* que essa mãe pode lançar a si mesma *sua* pergunta e, a partir daí, encontrar *sua* resposta – o *seu jeito*. Mas para isso foi preciso um Outro encarnado escutar a angústia e, acima de tudo, validar o saber materno.

Perante a dúvida ou a angústia parental, haver um Outro encarnado que diga *com você eu fazia assim, eu faço assim* ou *se faz de qualquer jeito*, ou que pergunte *como você imagina fazer*, abre para o agente da função materna a possibilidade de fazer de um jeito parecido ou de outro jeito, o seu próprio – o que envolve a alteridade – e não do jeito engessado e imperativo emprestado do tecnicismo, sem nenhuma abertura para interrogações e construção de sentido.

¹⁷ O cuidado tecnicista não se restringe aos cuidados com o bebê. Em uma sessão de psicoterapia, uma criança de 5 anos brinca que é mãe. Antes de colocar a filha para dormir faz um movimento com as mãos na direção do corpo da boneca e a terapeuta não compreende o que está sendo feito. Ao ser indagada sobre o que fazia, a criança diz: *Estou fazendo os procedimentos. Procedimentos?* – questiona a terapeuta. *Você não sabe que antes de dormir precisa fazer os procedimentos? Escovar os dentes, limpar o nariz* [conforme seu movimento, com aspirador nasal] *e colocar a fralda para não fazer xixi na cama*. No brincar, repetia o que era feito com ela todas as noites.

¹⁸ Como a autora fez com as palavras “meu filho tem”, buscamos “banho no bebê” e recolhemos: banho no bebê à noite, banho no bebê recém-nascido, banho no bebê com febre, banho no bebê quando nasce, banho no bebê no chuveiro, banho no bebê de 3 meses, banho no bebê após o parto, banho no bebê com maisena, banho no bebê com chá de camomila. Busca realizada em 15/03/2022.

¹⁹ O destaque dado ao pronome remonta à existência de duas posições no contato com o bebê essenciais para o estabelecimento da função materna, a de reconhecimento e a de conhecimento. Na posição de reconhecimento é preciso que a mãe reconheça a massa orgânica chamada bebê como *um* bebê e, posteriormente, que *um* bebê é *seu* bebê. Num segundo momento, que *seu* bebê é um estranho – portanto, um Outro – a ser conhecido por ela (IACONELLI, 2015, p.161).

O jeito do *é assim que se faz* é o jeito das máquinas, programadas para “entregar”²⁰ uma produção impecável e sem trocas.

A “entrega da máquina” substitui a “entrega psíquica”

O que o bebê precisa é de uma experiência humana, “e não mecanicamente perfeita” (WINNICOTT, [1987]2012, p.87); precisa que o agente da função materna ocupe uma posição psíquica de disponibilidade a ele, ao invés de se firmar no “exercício de um saber ativo” (JERUSALINSKY, J. [2014]2017, p.46) que superestima o desempenho, visa eliminar qualquer incômodo e tenta assegurar o que não se assegura: um *saber* prévio sobre o bebê e o controle de suas produções.

Reiteramos que o bebê de uma mãe ou um pai nunca é um bebê genérico, mas o *seu* bebê (IACONELLI, 2015), o qual só é possível conhecer no laço. Por isso, complementa a autora, “não há como *virtualizar*²¹ a relação [e, portanto, o saber]. O bebê precisa ser *tocado*²² tátil, olfativa, auditiva, gustatória e visualmente, e os pais também precisam sê-lo pelo bebê” (p.118). Entretanto, numa “sociedade que hipervaloriza o objeto de consumo em detrimento ao lugar da palavra e extensão narrativa que dê lugar à elaboração da experiência” (JERUSALINSKY, J. 2018, p.30-31), a informação se transforma em objeto de consumo, de tal modo que o “saber ativo” se sobrepõe ao saber parental, retroalimentando tanto a lógica da virtualização quanto a do consumismo – *se não sei, preciso, imediatamente, consumir informação*. Desse modo, a “entrega da máquina” acaba substituindo a “entrega psíquica”, a disponibilidade do Outro primordial para ler o que se passa com corpo do bebê e em seu próprio corpo no laço. Não por acaso, ao lado de apetrechos cada vez mais sofisticados que propõem facilitar os cuidados com o bebê (babá eletrônica e outros monitores, almofadas para os mais variados usos, termômetro para água do banho e tantas outras parafernálias que engrossam as listas de itens “indispensáveis” para melhor cuidar), cresce a oferta de produtores e portadores de conteúdo, entre os quais consultorias (de enxoval, sono, amamentação/desmame, introdução alimentar, para citar algumas) e aplicativos que além de disponibilizar informações, controlam as produções do bebê e a performance da dupla bebê-cuidador.

²⁰ Em referência ao jargão comum no mundo corporativo, do *delivery*, em inglês: entrega de um projeto, produto ou processo. MAES, Jéssica. Se esse “job” não “performar” bem, não foi por falta de “sinergia” da equipe. Gazeta do Povo, 11/07/2017. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/pos-e-carreira/se-esse-job-nao-performar-bem-nao-foi-por-falta-de-sinergia-da-equipe-85pgv9il6oms9mixhbifyz4tv/>. Acesso em 16/03/2022.

²¹ Grifo da autora.

²² Ibidem.

Esse consumo desenfreado por objetos e informações, muitas vezes antes que uma questão se apresente (por exemplo, adquirir um extrator de leite materno ou “saber *tudo*” sobre amamentação sem a experiência prévia de amamentar o bebê), acaba recobrando “cada uma das fendas de incompreensão que invariavelmente comparecem no cotidiano da vida” (JERUSALINSKY, J. 2017, p.27), dificultando as interrogações, as elaborações e a “construção inventiva em que o sujeito produz um *saber fazer ali com isso*²³” (ibidem). Como resultado da busca e da promessa de uma “eficácia cibernética que tornaria substituível todo saber-fazer humano” (JERUSALINSKY, J. 2019, p.99), assistimos a mães e pais que tentam “de *tudo*” para amamentar, desmamar, fazer a criança dormir, comer, desfraldar ou descamar, mas sem sucesso, exatamente porque a “entrega da máquina” passa a *valer*²⁴ mais do que a “entrega psíquica”, abolindo qualquer saber parental.

Tentar “de *tudo*” fragmenta o sujeito

Trazemos nossa experiência com o trabalho de orientação a pais, cujo objetivo é escutar a angústia parental frente a impasses no desenvolvimento infantil. No que concerne às dificuldades relacionadas ao desfralde, quem nos procura com frequência nos coloca sob o rótulo de “consultoria para o desfralde” pelo fato de apresentarmos na *rede* reflexões sobre o tema²⁵ e, portanto, sermos “especialistas” no assunto. Como “especialistas” é esperado que os *livremos do mal* com um passo a passo para desfraldar completamente o filho (*amém!*), de maneira não muito diferente do que já se depararam pelo caminho: *desfralde em 3 dias, 5 passos para o adeus das fraldas, 8 dicas para desfraldar sem traumas*. Seguindo o modelo oracular encontrado nas *redes*, querem que digamos quanto tempo leva para concluir o desfralde, se é melhor dar adesivo a cada feito bem-sucedido ou um presente no final do “processo”²⁶, se forcem a criança a usar o vaso, o que fazer se *isso ou aquilo*, e assim por diante²⁷.

As consultorias (...) em geral apresentam “técnicas” para a instalação do comportamento esperado. Numa espécie de “treino”, partem do princípio

²³ Grifo da autora em referência a Lacan, J. O Seminário, Livro 23: o sinthoma, 1975-1976.

²⁴ A polissemia do verbo aponta tanto para substituição das “entregas” (como se uma equivalesse à outra), quanto para o valor monetário obtido por meio da produção das máquinas. Na “lei da oferta e da procura”, fica difícil dizer o que vem primeiro, se a produção de conteúdo ou seu consumo.

²⁵ No blog da Ninguém Cresce Sozinho, <https://ninguemcrescesozinho.com.br/blog>, ou suas redes sociais.

²⁶ As aspas são utilizadas para fazer distinção entre o momento em que se começa efetivamente a retirada das fraldas (“processo”) do processo (de desenvolvimento) iniciado desde as primeiras trocas de fraldas, na relação de cuidados com o bebê, colocando em cena – ou não – as operações psíquicas constituintes que serão determinantes para o “processo” de desfralde das crianças.

²⁷ Além do pedido de uma resposta certa e imediata, as próprias perguntas apresentam o que as “técnicas” têm ofertado.

de que há algo a ser ensinado/aprendido. Neste sentido, tanto o “saber” vem de um agente externo, quanto há um reforço, ainda que não intencional, da ideia de que se um dado comportamento não está sendo alcançado é porque alguém está fracassando em ensinar e outro alguém em aprender. (GRINFELD, 2018).

Seja na *rede* ou em nós, o que os pais buscam é uma solução imediata, perfeita e pouco trabalhosa para *esse* “fracasso”. Entretanto, ao invés de nos colocarmos no lugar de quem porta um saber, ofertando “técnicas” rápidas, infalíveis e que os poupe do trabalho psíquico inerente a qualquer fazer humano, como um simples “copia” do conteúdo e “cola” no fazer com o bebê ou a criança, nos colocamos no “ponto em que esse saber, que é atribuído a nós (...) na realidade corresponde a um sujeito a quem nada se perguntou” (JERUSALINSKY, A. [2007]2018, p.94). Assim, convidamos os pais a contarem sobre *seu* filho, abrindo a possibilidade de indagarem sobre o impasse que se apresenta.

Em grande parte das situações, inicialmente eles colocam que tudo vai bem com o filho, exceto com desfralde, como se o desfralde (ou qualquer outro aspecto do desenvolvimento) fosse um evento isolado, decorrente apenas da maturidade neurofisiológica e do “tempo da criança”, ou passível de ser ensinado/aprendido a partir de “técnicas” ainda não ensinadas/aprendidas.

Embora seja necessário um aparato biológico que ofereça condições para o desenvolvimento, somente o amadurecimento orgânico não é suficiente para tal; se fosse, não haveriam crianças que, no contexto do desfralde, têm o controle dos esfíncteres, mas pedem a fralda para evacuar. O desenvolvimento infantil – e suas conseqüentes aquisições – se dá na articulação entre os aspectos estruturais constituintes do sujeito (aparelho biológico e psíquico) e os aspectos instrumentais, ou seja, recursos que ele utiliza para realizar trocas com o meio: psicomotricidade, linguagem, aprendizagem, hábitos, jogos e processos práticos de sociabilização (CORIAT e JERUSALINSKY, A. [1996]2001). Portanto, quando existe qualquer perturbação no desenvolvimento é preciso olhar para esse conjunto de aspectos, pois se um deles fica excluído, “a incorporação de mecanismos de intercâmbio pode se transformar em um ato robótico” (CORIAT e JERUSALINSKY, A. [1996]2001, p.8), desprovido de sentido.

Olhar para o conjunto dos aspectos estruturais e instrumentais não significa aplicar múltiplas “técnicas”, nem buscar respostas em vários “especialistas”. A busca por intervenções

e respostas segmentadas fragmenta o sujeito, dificultando, ou mesmo inviabilizando, a compreensão de qual ponto a articulação entre esses aspectos está prejudicada e a construção de interrogações necessárias para a elaboração do que é vivido na relação com a criança. Sem interrogantes, “a pergunta que é suprimida sempre retorna, se não no sono, na comida; se não na comida, na fralda; se não na fralda, nas amizades”²⁸ (JERUSALINSKY, J. 2014). Ademais, para que uma aquisição instrumental “seja efetivamente uma aquisição, tem que ser de alguém” (JERUSALINSKY, J. 2002, p.37) e não uma reprodução de “técnica” centrada no que falta à criança (por exemplo, colocá-la sentada no vaso algumas vezes por dia em determinados horários para que ela se familiarize com ele e, desse modo, desfralde). Se a aquisição não é “de alguém”, *a alma fica sem dono*.

No que diz respeito à temporalidade, a

constituição do bebê como sujeito do desejo e como autor das suas aquisições instrumentais implica uma justa articulação entre o transcórre do tempo (tempo real), a normatização cronológica do desenvolvimento (com seus efeitos de temporalidade imaginária), a precipitação de aquisições instrumentais e de inscrições constitutivas do sujeito (demarcando diferentes momentos simbólicos e lógicos). (JERUSALINSKY, J. 2002, p.93).

Dado que precisamos considerar esses três registros do tempo para a constituição psíquica e as aquisições instrumentais (JERUSALINSKY, J. 2002, p.94), não podemos ignorar o discurso do “tempo da criança”, tão presente nos nossos dias (*um dia ela deixa a fralda... ou, engatinha, fala, desmama etc.*), como um discurso da lógica da virtualização. Creditar ao tempo o que não vai bem retira a possibilidade de interrogar, elaborar, inventar e, quando necessário, intervir – a tempo de favorecer o desenvolvimento infantil e, portanto, a estruturação psíquica.

Como ilustração do quanto esse discurso elimina a chance de indagar, fechando as possibilidades para a construção de narrativas, trazemos o recorte do caso de um menino de 4 anos e 7 meses, que só evacuava na fralda. Uma vez que algumas tentativas de desfralde fracassaram (como proibir o uso da fralda e a criança constipar necessitando de lavagem intestinal por volta dos 3 anos), seus pais entenderam que não era momento do filho deixar as fraldas, até que a escola sinalizou numa reunião de pais do agrupamento que começariam a

²⁸ Em razão disso, no desenrolar do trabalho de escuta aos pais aparecem outros aspectos da vida da criança que também não vão bem.

trabalhar a autonomia das crianças no uso do banheiro – *ai acendeu uma luz amarela*, disse a mãe, que até então acreditava que *cada criança tem seu tempo* e, por isso, *não forçava o desfralde para não gerar traumas no filho*, cujo “processo” de desfralde foi iniciado quando ele entrou na escola aos 2 anos e 6 meses. Um mês depois veio a pandemia e com ela, além do isolamento, o adiamento do projeto do casal de *ter um bebê*. Tendo a higiene pós-evacuação feita no trocador, o menino ocupava na fantasia parental a posição do bebê que eles desejavam. Sem os pais poderem se perguntar a que servia o uso da fralda, as “técnicas” aplicadas culminaram em “fracasso”, dos pais, do filho, da família, restando ao “tempo” (e à criança, desarticulada do laço) a solução do problema. Contudo, na medida da sustentação das interrogações dos pais, foi possível o deslizamento do bebê para um menino de 5 anos, o qual deixou as fraldas e, o mais importante, se valeu de um reposicionamento também subjetivo.

Mãe não é robô, bebê não é planilha

Para desfraldar, ou para qualquer outra aquisição instrumental, é preciso que a criança tenha uma representação do que acontece em seu corpo. Por exemplo, ela precisa saber que está sendo higienizada porque fez cocô e que dorzinha na barriga ou gases pode ser sinal de evacuação. Esse saber não é natural (instintivo), nem ensinado/aprendido por meio de “técnicas”, mas é apreendido por uma transmissão colocada em ato desde os cuidados primordiais por meio de um “fino trabalho de bordado da mãe entre corpo e linguagem”²⁹ (JERUSALINSKY, J. [2011]2014, p.25). Para realizar esse trabalho, acrescenta a autora, é necessário que a mãe se afete pelo que afeta o corpo do bebê, evocando sua representação desse afeto e “emprestando-a” para o bebê: *Que alívio para sua barriguinha! Bem que com aquela força só podia vir essa cocozeira! Que cocozinho... Essa meleca merece um banho! Eca, que nojeira!*

Encontramos aqui a radicalidade com que a não correspondência entre corpo e sujeito comparece na primeira infância. É preciso que o funcionamento corporal do bebê afete a economia de gozo materno para que, a partir de tal percurso pulsional no laço com a mãe, o bebê possa ter acesso a uma representação do que o acomete em seu organismo e, ao deter tal saber, possa constituir esse corpo como o seu. (JERUSALINSKY, J. [2011]2014, p.26).

²⁹ Bordados finos são sempre manuais (e trabalhosos), jamais realizados pelas máquinas!

Se é imprescindível que o bebê “tome emprestado” da mãe uma representação para o que afeta seu corpo, não há como ela “copiar” informação de conteúdos ou “técnicas” e “colar” no fazer com o bebê como um robô comandado por instruções. É preciso considerar “o que a própria mãe sente e experimenta” (WINNICOTT, [1987]2012, p. 25) e seu saber para que ela possa se ocupar “da economia de gozo do bebê – do olhar, da voz, da alimentação, da retenção e expulsão de fezes, do ritmo de sono e vigília – estabelecendo um circuito pulsional no bebê” (JERUSALINSKY, J. [2011]2014, p.15). Assim sendo, conhecimentos técnicos que se impõem como verdades absolutas (tecnicismo) acabam funcionando como “saberes” que destituem o saber materno. Com o intuito de ajudar nas tarefas de cuidados com o pequeno humano, tais conhecimentos privam mãe e bebê dessa “afetação”, obstaculizando a construção de um saber que possa vir a ser produzido de modo subjetivado sobre as vivências, primeiro no laço mãe-bebê e depois pelo próprio bebê.

Tomemos como exemplo os aplicativos voltados à amamentação, os quais visam auxiliar a amamentação principalmente pelo registro das mamadas (duração da mamada, tempo de permanência em cada seio, lado mamado ou mamado por último, projeção da quantidade de leite ingerido). Alguns aplicativos apresentam recursos extras, dentre os quais estão: visualizar o progresso da amamentação enquanto a mãe utiliza outro aplicativo, agendar o horário das mamadas, ajustar alarmes, registrar as sensações ou a intensidade da dor ao amamentar, ou a aparência dos seios ou mamilos, controlar as trocas de fraldas, os horários de sono do bebê e a introdução alimentar. A mídia sinaliza que estes aplicativos não substituem os “especialistas” (FORCIONI, 2022; ARADZENKA, 2021), enfatizando e reforçando o “saber especializado” em detrimento do saber materno.

Os registros da amamentação são organizados em gráficos que apontam a performance da dupla mãe-bebê (desde o tempo de esvaziamento do seio à quantidade de leite extraído para armazenamento), como se a tabulação de dados pudesse garantir o saber-fazer com o bebê (numa exatidão inumana) ou “conter a resposta objetiva e eficaz diante dos mal-entendidos que se experimenta com os filhos”³⁰ (JERUSALINSKY, J. 2014). No entanto, o planilhamento dos cuidados, no lugar de favorecer o *fino trabalho de bordado da mãe entre corpo e linguagem*, transforma o fazer com o bebê em tarefa mecânica justamente porque subtrai o que é da ordem

³⁰ A organização da vida dos bebês por meio de planilhas é uma prática cada vez mais comum, principalmente entre mães que estão retornando ao trabalho depois da licença-maternidade. Nas planilhas, quantifica-se a rotina dos bebês como se a quantidade de tempo, alimento, sono, brincadeira e outros, per si, garantissem a qualidade dos cuidados.

da relação: a disponibilidade ao bebê. As sensações, percepções, observações e leituras da mãe em relação ao seu corpo e ao corpo do *seu* bebê (como ela se sente amamentando, se o bebê se mostra tranquilo ou satisfeito, qual peito está mais cheio ou vazio no início da mamada, se a mama ou mamilo apresenta algum desconforto ou mudança, etc.), são substituídas por métricas que “interpretam” as produções de ambos³¹, colocando em risco as operações constituintes do sujeito – suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença-ausência e alterização.

A *suposição de sujeito* implica no movimento de antecipação da mãe em significar as produções do bebê como produções intencionais de um sujeito (já que ele ainda não está psicologicamente constituído). Fazendo uso de seu saber, ela interpreta, por exemplo, choro como fome. Concomitantemente às significações do que a mãe supõe como demanda do bebê, ela “mantém no laço com o bebê uma certa dimensão do não-saber, pois a produção do bebê comporta um enigma no qual ela se reconhece mas cuja decifração ela ignora” (JERUSALINSKY, J. 2002, p.249). A mãe não é *toda*.

Enquanto na operação psíquica inicial a mãe supõe uma demanda no bebê, no momento posterior – *estabelecimento da demanda* – ela interpreta as produções do bebê como sendo a ela dirigidas. Por exemplo, o bebê olha para a mãe ou se volta para seu seio num pedido para ser amamentado. No que tange às demandas, é fundamental que a mãe não as satisfaça totalmente para o bebê e que o bebê não atenda a todas as demandas parentais (JERUSALINSKY, J. 2002, p.250-251), afinal, *desejo não é uma ordem*, embora a satisfação irrestrita seja característica da virtualização. Neste ponto vale sublinhar que nem todo apelo (choro, irritabilidade, dedo na boca etc.) é pedido de peito e nem todo pedido de peito deve ser atendido. Ou ainda, nem todo acolhimento ao bebê se dá através do peito, como preconizam muitos defensores e adeptos da amamentação em livre demanda como uma prática parental destinada à criação do vínculo. Relembremos, a mãe não é *toda* para o bebê. Daí a importância das demais operações psíquicas.

A *alternância presença-ausência*, simbólica e não física, permite ao bebê abandonar o puro funcionamento da necessidade (no caso da amamentação, ser alimentado) e construir “um funcionamento no qual a obtenção de prazer fica atrelada à série de presença-ausência e aos ritmos de alternância que o Outro [encarnado] lhe propôs. Um Outro primordial que é só

³¹ Ainda que alguns aplicativos permitam o registro de sensações e observações, esses registros perdem seu valor se não houver a possibilidade de a mãe narrar e elaborar sua experiência com a amamentação.

presença ou só ausência não permite essa inscrição” (JERUSALINSKY, J. 2002, p.251). Assim sendo, quando a mãe está fisicamente presente, mas “colada” na tela do celular, em preocupações cotidianas ou outros interesses que a “descolam” psicologicamente do bebê, não há alternância. A alternância presença-ausência existe, por exemplo, quando durante a amamentação mãe e bebê alternam entre trocar olhares e olhar para outros cantos ou “conversar” e se silenciar, permitindo que o bebê fique a ela referido e dela se distancie³². Essa referência ao Outro é a *alterização*. O bebê “não fica situado apenas em um circuito de satisfação, mas em uma satisfação cujo circuito passa pelo Outro” (JERUSALINSKY, J. 2002, p.251). Isso significa que a demanda é (ou deveria ser) livre apenas no período inicial da amamentação, quando o ritmo deste cuidado/hábito de vida está sendo estabelecido. O fato de a mãe não estar “livre” o tempo todo a possibilita negar a demanda, desde que ela tenha “a lei como uma referência terceira em seu laço com o bebê, não fazendo deste um objeto que se presta unicamente à sua satisfação” (JERUSALINSKY, J. 2002, p.251).

Posto que a amamentação não é um ato mecânico, mas envolve uma série de operações psíquicas, cabe colocar o quanto ela responde à lógica da virtualização e do consumismo não apenas pelo seu monitoramento, mas também pelo viés (tecnicista) “de uma atitude sentimental em relação à amamentação ou à propaganda a favor da amamentação” (WINNICOTT, [1987] 2012, p.19).

De alimento que melhor supre as necessidades nutricionais do bebê e pequenas crianças a fluido do amor, muitas têm sido as campanhas de incentivo, promoção e apoio à amamentação desde a invenção da fórmula. Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde entre fevereiro de 2019 e março de 2020 revela o aumento da prevalência do aleitamento materno exclusivo. Em comparação à pesquisa realizada em 2016, houve aumento de 15 vezes no aleitamento exclusivo entre bebês menores de 4 meses e de 8,6 vezes entre os menores de 6 meses. E em comparação aos últimos 34 anos, o índice de amamentação exclusiva em bebês menores de 4 meses aumentou em quase 13 vezes e em menores de 6 meses em cerca de 16 vezes. (GRINFELD, 2020).

Winnicott ([1987] 2012) advertiu que “a propaganda da amamentação tem sempre um outro lado que, no final, acaba se revelando como uma reação à propaganda” (p.19).

³² Essa distância não é física, mas um intervalo que dê ao bebê condições para que ele responda às convocações maternas e faça suas convocações. Na lógica da virtualização, intervalos dessa natureza vêm sendo abolidos pela urgência das respostas, podendo, dessa forma, comprometer a alternância.

Entendemos que, se de um lado as campanhas acima citadas “foram e continuam sendo essenciais para apoiar e viabilizar a amamentação, de outro temos que levar em conta seu efeito reverso quando tomadas pelo imperativo ‘tem que amamentar’ [e em livre demanda]” (GRINFELD, 2020), desprezando a singularidade da dupla mãe-bebê.

O avesso dessa propaganda pode ser visto pelas lentes da perturbação da amamentação, um fenômeno cada vez mais relatado por mães que “do *nada*” passam “a amamentar chorando, com raiva, irritada[s] por não querer, mas ter que, amamentar porque o bebê/criança precisa ou solicita (...), especialmente quando a mãe amamenta uma pequena criança enquanto gesta outra ou amamenta filhos de idades diferentes” (GRINFELD, 2020). Como “do *nada*” é o retorno da pergunta que não foi feita³³, entendemos que os desconfortos na amamentação, além de não se restringirem às ditas perturbações, encobrem questões maternas e da relação com o bebê que foram silenciadas. Quantas não são as mães que amamentam com algum grau de desconforto em prol da *criação do vínculo* ou porque *é o melhor para o bebê*, como ocorreu com uma mãe que nos 6 primeiros meses de vida do filho amamentou chorando e com os mamilos sangrando, “colada” ao ideal da amamentação como via³⁴ para o estabelecimento do vínculo. A dificuldade velada desde o começo resultou no filho, aos 21 meses, chorar até *vomitara mamadeira noturna* todas as noites após ser colocado no berço e a mãe se retirar do quarto. Vomitando, o bebê tentava convocar a mãe, que desde o início teve dificuldade em se ocupar dele, mesmo realizando a maior parte das tarefas que o envolvia.

Tarefas, porque cuidado implica que a mãe se ocupe psiquicamente do bebê. E isso só é possível quando seu saber está referenciado aos significantes familiares, não ficando destituído por “saberes” anônimos e totalizantes.

Considerações finais

Para que o saber materno compareça nas relações de cuidado com seu valor subjetivante, é preciso que a mãe seja apoiada no exercício das funções parentais. Em vista disso, numa sociedade regida pela lógica da virtualização, torna-se urgente a criação de espaços que questionem as *informações-toda* e suportem as dúvidas e angústias que surgem na relação com o bebê para que os interrogantes não sejam suprimidos por respostas imediatistas,

³³ Se não há pergunta, há *nada*.

³⁴ Via é *um* caminho, não o único ou o principal.

despersonalizadas e absolutas, e para que se mantenha a diferença entre conhecimentos técnicos e a construção de um saber implicado e subjetivado.

Dispositivos de escuta aos pais, como rodas de conversas mediadas por profissional que articule o que é partilhado pelo grupo se configuram como um desses espaços na medida em que ampliam e fortalecem a rede de apoio e favorecem a construção de narrativas, permitindo que a experiência ganhe sentido e, assim, os cuidados não se transformem em tarefas mecânicas que levam à *perda da alma*.

Referências bibliográficas

ARADZENKA, Isabelle. 5 aplicativos simples que facilitam a hora da amamentação. Portal Terra, 13/11/2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/criancas/5-aplicativos-simples-que-facilitam-a-hora-da-amamentacao,67cbe423c3c484c357adcd69fae931919z26n4gn.html>. Acesso em 19/04/2022.

BICUDO, Silvia; GRINFELD, Patrícia L. P. Reflexões sobre possíveis efeitos da virtualização na parentalidade a partir de comentários recebidos no blog Ninguém Cresce Sozinho. V Colóquio de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 15/09/2018. Disponível em: <https://ninguemcrescesozinho.com.br/storage/2018/09/Reflex%C3%B5es-sobre-poss%C3%ADveis-efeitos-da-virtualiza%C3%A7%C3%A3o-na-parentalidade-a-partir-de-coment%C3%A1rios-recebidos-no-blog-Ningu%C3%A9m-Cresce-Sozinho.pdf>. Acesso em 17/02/2022.

BENJAMIN, Walter (1936). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história a cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, Obras escolhidas, v.1, p.197-221.

CORIAT, Lydia; JERUSALINSKY, Alfredo (1996). Aspectos estruturais e instrumentais do desenvolvimento infantil. In: Escritos da Criança. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001, n.4, p.06-12.

CUSK, Raquel (2014). Esboço. São Paulo: Todavia, 2019 (4ª reimpressão, 2021), p.146.

FORCIONI, Giovanna. 3 aplicativos para ajudar na organização da amamentação. Revista Crescer, 13/03/2022. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Desenvolvimento/noticia/2022/03/3-aplicativos-para-ajudar-na-organizacao-da-amamentacao.html>. Acesso em 19/04/2022.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v.21, p.65-148.

GRINFELD, Patrícia L. P. Desfraldar para separar, separar para desfraldar. Blog da Ninguém Cresce Sozinho, 12/11/2018. Disponível em: <https://ninguemcrescesozinho.com.br/2018/11/12/desfraldar-para-separar-separar-para-desfraldar/>. Acesso em 27/03/2022.

_____. Livre demanda e perturbação na amamentação. Blog da Ninguém Cresce Sozinho, 26/10/2020. Disponível em: <https://ninguemcrescesozinho.com.br/2020/10/26/livre-demanda-e-perturbacao-na-amamentacao/>. Acesso em 19/04/2022.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço (2010). Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. No enxame: perspectivas do digital (2013). Petrópolis: Vozes, 2018.

IACONELLI, Vera. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.

JERUSALINKY, Alfredo (2007). Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2018.

JERUSALINSKY, Julieta. Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002.

_____. (2011) A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma, 2014.

_____. O saber dos pais, as invenções das crianças e o conhecimento dos especialistas. Estadão, 03/07/2014. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/o-saber-dos-pais-as-invencoes-das-criancas-e-o-conhecimento-dos-especialistas/>. Acesso em 27/03/2022.

_____. (2014) As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais. Salvador: Ágalma, 2017, p.39-55.

_____. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (org.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais. Salvador: Ágalma, 2017, p.13-38.

_____ A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”. Cadernos de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, v.34, n.1, p.26-33, 2018.

_____ *O sujeito wireless* e a inscrição da borda entre a realidade e a fantasia na era das relações virtuais. FREIRE, Camila Z.; CHIARADIA, Rejinaldo (org.). Psicanálise e Contemporaneidade, Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC), n.35. Curitiba: Juruá Editora, 2019, p.93-102.

LÉVY, Pierre (1995). O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 2011.

MELO, Maribél de S. et al. A sustentação do exercício das funções parentais no encontro com o semelhante: experiência do Espaço Amarelinha. MELO, Maribél de S.; JERUSALINSKY, Julieta (org.). Quando algo não vai bem com o bebê: detecção e intervenções estruturantes em estimulação precoce. Salvador: Álgama, 2020, p.223-236.

PAULSON, James; BAZEMORE, Sharnail. Prenatal and postpartum depression in fathers and its association with maternal depression: a meta-analysis. The Journal of the American Medical Association, v. 303, n.19, p.1961-1969, maio 2010.

SERRES, Michel (2012). Polegarzinha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

THEME, Mariza et al. Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: The Birth in Brazil National Research Study, 2011/2012. Journal of Affective Disorders, v.194, p.159-167, abril 2016

TOKARCZUK, Olga e CONCEJO, Joanna (ilustradora). A alma perdida. São Paulo: Todavia, 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth (2002). A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WINNICOTT, Donald W. (1987). Os bebês e suas mães. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.